

LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

V. 8, N. 1, ano 2016

O PAPEL DA IMAGEM NA ATRIBUIÇÃO DOS SENTIDOS

*Suelene Silva Oliveira Nascimento**

*Mônica Magalhães Cavalcante***

RESUMO

Em nosso estudo, assumimos os pressupostos fundamentais da Gramática do Design Visual – GDV (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006). Para verificar o entrelaçamento entre as semioses verbal e visual, elegemos o sociocognitivismo, a partir do qual propomos um redimensionamento das análises efetivadas em Linguística Textual (LT). Verticalizamos alguns estudos sobre a multissemiose e articulamos a teoria da multimodalidade com a da compreensão leitora. Analisamos um curta-metragem, *Vida Maria*, de Márcio Ramos, produzido em computação gráfica. Os resultados nos levam a crer que qualquer prática pedagógica que envolva a compreensão leitora será efetiva se sustentada por uma concepção sociocognitivista da linguagem. Com a realização desta pesquisa, consideramos importante que os professores de linguagem, responsáveis por formar cidadãos e, conseqüentemente, leitores críticos, abordem também uma análise multimodal dos textos, principalmente os dinâmicos como os vídeos, já que esse gênero está tão presente no nosso cotidiano e no contexto escolar.

Palavras-chave: Multimodalidade; Gramática do *Design Visual*; Construção dos Sentidos.

ABSTRACT

In our study, we assume the fundamental assumptions of Design Visual Grammar - GDV (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006). To check the links between the verbal and visual semiosis, we elected the social cognitivism, from which we propose a resizing of the analyzes effected in Textual Linguistics (LT). We compare some studies on multissemiosis and articulate the theory of multimodality with reading comprehension. We have analyzed a short film, *Maria Life*, by Márcio Ramos, produced in computer graphics. The results lead us to believe that any educational practice which involves reading comprehension will be effective if supported by a social cognitivist conception of language. With this research, we consider important that language teachers, responsible for educating citizens and hence critical readers also address a multimodal analysis of the texts, particularly the dynamic as videos, since this genre is so present in our daily lives and in the school context.

Keywords: Multimodality; Grammar of Visual Design; Sense construction.

* Professora do Curso de Letras e do Profletras – UECE sueleneoliveira@gmail.com

** Professora do Curso de Letras e do PPGLING – UFC monicamc02@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao investigar o papel da imagem na construção da referência, optamos por estudar a multimodalidade, enfatizando a importância da metafunção composicional (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006) na atribuição dos sentidos e na construção dos referentes. Optamos, portanto, por analisar esse parâmetro, dentro da materialidade visual, cuja contribuição para a compreensão leitora já tem sido bastante fecunda.

Esse interesse nasceu, em primeiro lugar, do desejo de verticalizar alguns estudos sobre a multissemiose, que já tem tido uma tônica no campo da Língua Textual – LT. Em segundo lugar, entendemos que seria produtivo articular a teoria da multimodalidade a outros campos teóricos, como o da compreensão leitora. Uniões teóricas dessa natureza fortalecem o nosso campo de investigação, pois elastecem as pesquisas já realizadas e, em especial, abrem mão de uma análise exclusivamente verbal. Muita atenção já tem sido dada à análise de textos verbo-visuais, mas não costumam ser encontrados estudos sobre textos verbo-audiovisuais, e isso motivou nossa pesquisa.

O objetivo geral de nossa pesquisa é analisar a construção referencial de um texto verbo-audiovisual com base em categorias da metafunção composicional na Gramática do Design Visual – GDV (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006). Nossa hipótese básica é a de que os conhecimentos de mundo, enciclopédicos, interacionais (KOCH & ELIAS, 2006), bem como os elementos multissemióticos (cores, mudança de cenário, planos, saliência, enquadramento) serão utilizados pelos leitores no momento da compreensão de um texto verbo-audiovisual. Tal fato levará o leitor a considerar as ocorrências materiais (elementos linguísticos, sonoros e imagens) em sua totalidade e poderá repercutir em diferentes modos de mencionar os referentes e de dar continuidade a eles.

Os objetivos específicos incidem sobre nossa hipótese que apresenta questões mais pormenorizadas: a) em textos multimodais, os referentes não se apresentam de forma estática “de maneira que a enunciação possa ser negociada e efetivar-se com mais ou menos sucesso.” (CAVALCANTE, 2011, p.184). Sendo assim, acreditamos que, ao analisar a compreensão dos leitores, a partir de um texto multissemiótico, composto por materialidade verbal e não verbal, a compreensão será bastante influenciada pelas informações indiciadas por aspectos da metafunção composicional.

Compreendemos que a construção da referência não se manifesta apenas a partir do material linguístico do texto, mas por meio de outros elementos de superfície que fazem parte da interação linguística, como os gestos, as expressões faciais, as manifestações pictóricas (MONDADA & DUBOIS, [1994] 2003). Partindo dessas considerações, indagamos: como as categorias da metafunção do valor composicional da GDV podem contribuir para a construção dos referentes em textos de materialidade linguística (verbal) e audiovisual (não verbal)?

Nossa investigação toma por base a análise dos procedimentos para a construção de referentes em um texto verbo-audiovisual – o curta-metragem *Vida Maria*, de Márcio Ramos – produzido em computação gráfica 3D e finalizado em 35mm. Os informantes, alunos de um curso de Ciências Exatas de uma faculdade particular de Fortaleza, foram entrevistados individualmente. Foram combinadas duas técnicas de entrevista: entrevista estruturada ou orientada, com algumas questões

abertas, e entrevista por pauta ou semiorientada. Acreditamos que as entrevistas possibilitam maior flexibilidade na obtenção das respostas sobre a atribuição de sentidos do curta. Promovemos um tratamento qualitativo com base em categorias que contemplam o plano imagético dos textos, indicando como esses modos de enunciação estão imbricados na construção da referência.

A escolha do texto multimodal (verbo-audiovisual) se deu em virtude de que a maioria dos estudos sobre referenciação textual ainda tem sido realizada em textos verbais. Esta pesquisa traz, portanto, uma contribuição para os estudos com ênfase em compreensão leitora e também em multimodalidade, uma vez que tenta aplicar estudos da GDV, buscando entender que comunicação é compreendida como multissemiótica (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006).

1 A CONSTRUÇÃO MULTIMODAL

O acelerado desenvolvimento das tecnologias multimídias vem provocando efetivas mudanças nas formas de representação e produção de significados. Prova disso é a forma como imagem, som e movimento se tornaram prática fecunda em sala de aula.

Essas transformações estão produzindo efeitos nas formas e características dos textos, que estão se tornando cada vez mais multimodais, ou seja, textos nos quais coexistem diferentes modos semióticos, tais como o verbal (oral e escrito), o visual, o sonoro, o gestual etc. (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006). Isto significa que os produtores de textos têm feito um uso cada vez mais deliberado de uma gama de modos de representação e comunicação, que coexistem dentro de um determinado produto ou evento semiótico. Em consequência disso, o modo verbal tem deixado de ser a forma de comunicação central e dotada de prestígio.

Assumimos os pressupostos fundamentais da Gramática do *Design* Visual (GDV) – consoante a proposta de Kress e van Leeuwen (2006), configurada no âmbito da Semiótica Social, segundo a qual a construção de qualquer signo é motivada por interesses posicionados num contexto social.

Estudo de Custódio Filho (2011) afirma que a GDV é uma gramática da imagem estática, por isso o autor opta por não utilizá-la, já que seus dados contêm imagem em movimento. Entretanto, discordando do autor, partimos da hipótese de que o arcabouço teórico da GDV, sobretudo os elementos de valor composicional, pode, sim, ser relevante, embora não seja suficiente, para estudar, também, as imagens dinâmicas, como é o caso do nosso *corpus*: um curta-metragem. Ao utilizar as metafunções propostas por Kress e van Leeuwen (2006), os resultados foram um pouco distintos dos encontrados por Custódio Filho (2011) e, por esse aspecto, enriqueceram as nossas conclusões.

Todas as concepções a seguir apresentadas nos levam a refletir sobre a necessidade de a LT assumir um papel ainda mais efetivo na explicitação precisa dos mecanismos atinentes à compreensão de textos multimodais e a explicar como esses mecanismos auxiliam na construção dos referentes acionados pelo texto.

Em decorrência disso, Kress e van Leeuwen (2006) apontam para a impossibilidade de se interpretar os textos focalizando exclusivamente a linguagem verbal, visto que, em boa parte dos textos, esta consiste em apenas um dos elementos representativos, que, por sua vez, é sempre

multimodal e, por isso, deve ser lido a partir da conjunção de todos os modos semióticos nele configurados. Reforçando este posicionamento, Jewitt e Oyama (2009, p. 23) argumentam que “é imprescindível entender como fala e escrita interagem com os modos não verbais de comunicação”, razão pela qual os estudos embasados na concepção de multimodalidade têm ganhado um destaque cada vez mais promissor nos últimos anos.

Nestes termos, os estudos em multimodalidade visam investigar os principais modos de representação em função dos quais um determinado texto é produzido e realizado, bem como compreender o potencial de origem histórica e cultural utilizado para produzir o significado de qualquer modo semiótico.

A GDV baseia-se nas metafunções da Gramática Sistemico Funcional (GSF) de Halliday (1978). Para Kress e van Leeuwen (2006), a construção dos signos deve ser motivada e o significante não pode estar preso a apenas uma semiose, pois existe uma infinidade de recursos semióticos disponíveis na sociedade para expressar propósitos comunicativos em contextos específicos. Dessa forma, nenhum sinal ou código pode ser entendido em sua amplitude quando estudado isoladamente, já que os elementos se complementam na composição dos sentidos. A opção pelo emprego de certos elementos e não de outros, de certas formas de representação e não de outras, deve ser entendida em relação ao seu uso e em situações de circulação e de interlocução específicas.

É importante destacar que a organização metafuncional estabelecida por Halliday (1978) e a classificação das estruturas visuais de Kress e van Leeuwen (2006) não apresentam estruturas idênticas. As metafunções de Halliday são adaptadas por Kress e van Leeuwen para melhor descrever o visual, as quais passam a ser referidas como significados: *representacional*, *interativo* e *composicional*.

2 METAFUNÇÃO TEXTUAL – O SIGNIFICADO COMPOSICIONAL

A metafunção composicional se liga à forma pela qual os elementos representacionais e interativos são organizados para relacionarem-se mutuamente, processo que se realiza a partir de três princípios inter-relacionados: o valor informativo (dado e novo, real e ideal, centro e margem), a saliência e o *framing* (enquadramento).

O *valor informacional* atribui um valor aos elementos representados a partir da sua posição, localização no texto. Os elementos verbais e/ou visuais podem ser polarizados na posição horizontal ou vertical ou centralizada.

A *saliência* permite-nos observar o que é mais valorizado, mais significativo em uma comunicação visual, podendo criar, assim, uma hierarquia de importância entre os componentes textuais, orientando nossa leitura (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006).

Para Kress e van Leeuwen (2006), o enquadramento diz respeito ao modo como os elementos estão conectados na imagem. Os autores sintetizam três tipos de enquadramento de formatação da imagem que também são utilizados nos cinemas: plano fechado (*close shot*), plano médio (*medium shot*) e plano aberto (*long shot*).

Esta metafunção será a única explorada em nossa análise, haja vista acreditarmos que, por se tratar de um texto que apresenta movimento de câmera, enquadramentos, planos e saliências que manipulam o telespectador, isso faz com que sua movimentação seja carregada de sentido. Esta afirmação vem ao encontro de estudo de Pietroforte (2008, p. 77): “esse efeito de sentido não é apenas efeito ornamental, que torna a visão das imagens mais interessante, mas que há relação entre ele e categorias semânticas que dão forma ao conteúdo do texto”.

3 AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA

As estratégias não são um fim, mas um meio que auxilia o leitor a compreender, a interpretar. Uma das características das estratégias é o fato de o leitor precisar “arriscar” para chegar ao seu objetivo, indicando o caminho mais adequado a ser seguido, possuindo autodireção, autocontrole, isto é, a supervisão e a avaliação contínuas de que existe um objetivo. Mas, se o caminho a ser percorrido não está levando ao objetivo, então, modifica-o para que o objetivo seja alcançado.

Como afirma Solé (1998, p. 69), as estratégias “são procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança.” Ou seja, as estratégias de leitura envolvem a cognição e a metacognição. Elas não podem ser tratadas como “receita”, isto é, algo infalível, inflexível, fechado, como capacidade de solucionar problemas e flexibilidade para encontrar soluções, possibilitando a construção e o procedimento de tipo geral, que servem para situações de leitura múltiplas e variadas.

As estratégias de leitura mais importantes com base no modelo psicolinguístico de leitura defendido por Kato (1995), e por nós analisadas, são as seguintes:

a predição (a capacidade que o leitor tem de antecipar-se ao texto, antes da leitura propriamente dita ou à medida que vai processando a sua compreensão); a seleção (a habilidade que o leitor tem de selecionar apenas os índices relevantes para a compreensão e propósitos da leitura); a inferência (habilidade com a qual o leitor completa a informação, utilizando as suas competências linguísticas e comunicativas, o seu conhecimento conceptual e seus esquemas mentais ou conhecimentos prévios); a confirmação (habilidade utilizada para verificar se as predições e as inferências estão certas ou se precisam ser reformuladas) e a correção (ou seja, uma vez não confirmada a predição, o leitor “volta” ao texto a fim de levantar outras hipóteses, buscando outras pistas, sempre na tentativa de encontrar sentido no que lê). (OLIVEIRA-NASCIMENTO, 2014, p. 65)

Dentro dessa perspectiva, o leitor experiente é convicto do seu objetivo durante a leitura, por ser um leitor consciente e estar constantemente em alerta e avaliando se o propósito da leitura foi alcançado, modificando a sua atuação sempre que for necessário.

4 ANÁLISE DOS DADOS: ATRIBUINDO SENTIDO ÀS IMAGENS

Com a intenção de ilustrar o papel da imagem na construção da referência, além dos elementos de materialização linguística, foram feitas as seguintes perguntas aos leitores:

- *Qual imagem lhe chamou mais atenção nesta cena? Quais os elementos que contribuíram para que você salientasse esse ponto?*

- *Qual(is) personagem(ens) você acha que são mais importantes? Por quê?*

- *Como você construiria o perfil da personagem principal durante e depois da apresentação do curta? Aponte quais as cenas que conduziram você a delinear este perfil e justifique.*

- *Qual personagem está sendo apresentado nesta cena? Qual o seu papel?*

- *Que sentimento(s) a imagem releva? Cite algumas cenas que contribuíram para sua interpretação.*

- *Quais mensagens são transmitidas através das imagens? Justifique com passagens do vídeo.*

Antes mesmo de iniciarmos a análise propriamente dita, consideramos oportuno salientar que procuramos, na medida do possível, fazer um estudo das imagens obedecendo à sequência cronológica em que as cenas aparecem, mas nem sempre seguimos este critério. Em muitas passagens, avançamos ou recuamos alguns episódios, com o intuito de sermos mais didáticos na explicação de um determinado fenômeno referencial.

As imagens das primeiras cenas do curta *Vida Maria* apresentam a personagem principal, Maria José, escrevendo seu nome em um caderno na janela de sua casa.

Ao fazerem a leitura das imagens, os leitores realizaram algumas inferências na construção dos referentes: a) o nome “Maria José” diz respeito a um dos personagens; b) esse personagem, provavelmente, é uma criança, uma vez que ao lado do nome há figuras que remetem aos desenhos infantis – uma casa, uma flor. As Imagens seguintes confirmam as inferências feitas. Desta forma, o papel do verbal na construção da referência é redimensionado, não apenas porque ele divide a materialidade textual com outros modos semióticos, mas também porque a situação de interação longa demanda um processamento textual diferenciado (CUSTÓDIO FILHO, 2011). Outro traço que merece ser destacado, reconhecível (mas não completamente apreensível) na superfície textual, é a dinamicidade presente nas cenas do curta-metragem que favorecem a compreensão do enredo.

Não foram apontados pelos sujeitos aspectos relativos à disposição das imagens na tela, mas isso pode significar apenas que, mesmo não tendo consciência metalinguística desses traços, eles interferem na focalização dos referentes. Uma das imagens apresenta Maria à esquerda, com parte do perfil dela, e à direita o caderno, com a mão na escrita caligráfica.

Em relação ao perfil da personagem principal, já traçado no momento da predição, os leitores confirmaram que a menina era realmente pobre, pois vivia em uma casa simples, de “chão batido”, sem luxo. Logo, no processo de *apresentação* que, conforme Custódio Filho (2011) está relacionado à primeira aparição do referente, não é mais apresentação, mas acréscimo ou confirmação da personagem. O material escolar de Maria José já denunciava sua falta de recursos financeiros: um lápis e um caderno já bastante desgastados. Os muitos borrões em seu caderno revelavam também que ela não possuía borracha. Nas cenas, Maria José escrevia sobre um pequeno banco de madeira, apoiada num peitoril, base inferior das janelas que funciona como parapeito. Para os leitores, a

vida simples da personagem era evidenciada também a partir da configuração de sua humilde casa: paredes desbotadas, sem mobília ou artefatos de ornamentação. Todo esse cenário, aliado à aparição da personagem e suas ações contribuíram para que as predições feitas no momento da leitura das imagens da capa do curta-metragem, na ocasião da apresentação de Maria José, fossem confirmadas pelos leitores. Todos esses são processos de *acréscimo*, que vão recategorizando o referente à medida que o texto transcorre.

O cenário visto através da janela reforçou as predições feitas referentes à localização de onde se passavam as cenas: na zona rural do sertão nordestino. Da janela, percebia-se, ao longe, uma pequena latada, construída com grade de ripas, improvisada, em geral, para proteger as pessoas do sol forte. Os leitores também acrescentaram que a vestimenta de Maria – vestido e chinelos simples – condizia com sua falta de recursos financeiros.

Percebemos que no processo de construção dos referentes, tanto do perfil da personagem, como do local onde se passariam as cenas, acontece uma leitura no *modelo descendente*. Nossos leitores, de forma dedutiva, usam seus conhecimentos prévios e seus recursos cognitivos em relação às características de pessoas que moram no sertão nordestino, bem como da configuração que compõem este tipo de região. Desta forma inferem, não linearmente, quem seriam os personagens e onde a história aconteceria. Durante a leitura, o leitor continua valendo-se de estratégias para organizar as informações e ideias do texto e relacioná-las ao seu conhecimento prévio para construir sua compreensão.

Quanto às características psicológicas de Maria José, alguns leitores disseram que ela, no início do vídeo, apesar de viver em um ambiente humilde, sem sofisticação, revelador de uma vida sacrificada das regiões secas do interior do Nordeste, aparentava ser uma criança feliz, pois escrevia, com alegria, seu nome no caderno, esboçando, vez ou outra, um sorriso no rosto. Seu olhar revelava sua satisfação ao rabiscar seu nome. A atmosfera de alegria também era visível no olhar da menina, que parecia brilhar quando desenhava as letras. Toda essa compreensão se deu a partir das semioses plásticas, sobretudo quando a personagem era focada em *plano fechado*, ângulo que permitia capturar detalhes de seu rosto e expressões faciais.

Em virtude da extensão máxima de nosso artigo, a análise ora apresentada se limita às primeiras cenas exibidas no curta. Em nossa tese há a análise na íntegra de todas as cenas que compõem o vídeo analisado.

Reforçamos que as imagens congeladas que ilustram nossa análise não conseguem dar conta dessas semioses, mas nos fazem crer, até o momento, que as categorias da GDV, propostas por Kress e van Leeuwen (2006), podem ser também utilizadas na construção dos sentidos de textos dinâmicos, como é o caso de nosso *corpus*. Mesmo sem conhecimento de tais categorias, em específico dos elementos da metafunção composicional, os leitores se utilizaram, sobretudo, dos princípios do enquadramento e da saliência. A análise realizada até o momento considera adequada a hipótese de que o arcabouço teórico da GDV, em destaque para os elementos de valor composicional, pode, sim, ser relevante para estudar, também, as imagens dinâmicas, como é o caso do nosso *corpus*: um curta-metragem, e permite tratar metodologicamente alguns dados visuais importantes para a introdução e retomada de referentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, portanto, que para lidar com o conhecimento sobre o mundo é preciso vencer o desafio de compreensão da semiose implicada no gesto de leitura daquilo que se procura conhecer. Nesse caso, podemos dizer que há algo implícito. Algo que não se oferece de pronto ao olhar, mas implica uma construção cultural de outra natureza, para que seja explicitado. Além disso, muitos dos efeitos de sentido se dão pela sequência das cenas, pelas expressões que se dinamizam, pelos gestos dentro da narrativa. Tudo isso precisaria ser considerado numa abordagem mais ampla da multimodalidade, que não apenas das imagens congeladas.

A partir dessas considerações, podemos afirmar que uma importante contribuição de nosso trabalho reside na possibilidade de, a partir do redimensionamento do verbal, reconhecer, ancorados na concepção sociointeracionista da linguagem, a pertinência de outro olhar sobre os processos referenciais, o qual não se atenha à expressão verbal das anáforas.

No que diz respeito às categorias da metafunção composicional da GDV, embora elas não tenham sido elaboradas com o propósito de compreender imagens em movimento, nossa análise evidenciou que elas podem ser utilizadas em textos dinâmicos, como os vídeos, uma vez que nossos sujeitos, mesmo desconhecendo tais categorias, utilizaram elementos semelhantes no momento da compreensão das imagens do curta-metragem. Tal constatação nos reforça a importância dos professores, sobretudo os de linguagem, conhecerem a proposta da GDV, para que ensinem os alunos a “olharem mais” para as imagens, indo além do que é visível aos olhos, uma vez que o trabalho com vídeos tem sido bastante utilizado no ensino básico e, também, no ensino superior, em toda e qualquer área.

Em nossa análise, o processo de construção dos referentes, mesmo acontecendo em um nível não explicitamente verbal, uma vez que no curta-metragem há poucos trechos de fala, a discretização dos referentes em categorias não foi dada *a priori*, mas variou segundo as atividades cognitivas dos leitores, construída a partir das mensagens do cotexto e de suas vivências. Conforme Mondada e Dubois ([1994] 2003, p. 23) “O processo de referenciação considera o contexto e as versões intersubjetivas do mundo adequadas a este contexto”. É com relação a isto que insistimos na referenciação concebida como uma construção colaborativa, emergida das pistas cotextuais e contextuais, das interpretações autorizadas pelo texto e das práticas sociais dos leitores.

Nossa análise, acreditamos, serviu para evidenciar que os elementos de valor composicional, propostos pela GDV, aliados à intenção do produtor do texto, às reconstruções dos informantes, às predições feitas ao longo do curta são fatores determinantes para a construção dos referentes em textos verbo-audiovisuais.

Nesse contexto, os conceitos e as orientações teóricas provenientes das categorias da GDV de Kress e van Leeuwen (2006), bem como as estratégias de compreensão leitora apresentadas por Solé (1998) e reafirmadas por Kleiman (2000; 2004), Koch e Elias (2006), a nosso ver, fornecem *inputs* importantes e necessários para a discussão que pretendemos estabelecer aqui a respeito da construção dos referentes em textos verbo-audiovisuais. Tal discussão poderia ser vista como uma forma de redimensionar as práticas de compreensão leitora, em relação a outras formas de comunicação semiótica.

Para mostrar sua pertinência e o espaço que cada vez mais vêm ocupando os estudos de textos multimodais, não queremos dizer que o ato de ensinar a compreender imagens seja como um sinônimo de doutrina a partir da qual se transmitam, unicamente, habilidades de forma mecanicista. No entanto, julgamos que o conhecimento que envolve as categorias da GDV propostas por Kress e van Leeuwen (2006) seja preciso. Nesse sentido, o uso de uma abordagem visual caracterizada apenas como recurso (apresentação de *slides* e filmes, por exemplo), além de representar uma provável falta de critérios em relação à linguagem visual, pode significar o desperdício desse tipo de comunicação para fins mais significativos. Perde-se a oportunidade, por exemplo, de oferecer aos alunos modos de compreender o que é visto. Por isso, a necessidade de uma abordagem em sala de aula que também se volte aos letramentos visuais, por meio de referenciais específicos.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTE, M. M. Leitura, referenciação e coerência. In: Elias, V. M. (org). **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. Tese de doutoramento. Universidade Federal do Ceará, 2011.
- HALLIDAY, M. A. K. **Language as Social Semiotic**. London: Edward Arnold, 1978.
- JEWITT, C; OYAMA, R. Visual meaning: a social semiotic approach. In: Van Leeuwen, T.; Jewitt, C. (Eds.). **Handbook of visual analysis**. London: Sage, 2009.
- KATO, M. A. **No mundo da escrita**: Uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1995.
- KLEIMAN, A. **Texto e Leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 9 ed. Campinas: Pontes, 2000.
- _____. **Oficina de Leitura**: teoria e prática. 10 ed. Campinas: Pontes, 2004.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. 2006. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London: Nova York: Routledge, 2006.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos referenciais. (1994) Trad. Mônica Magalhães Cavalcante. In: Cavalcante, M. M.; Rodrigues, B. B; Ciulla e Silva, A. (Orgs.). **Referenciação**: São Paulo: Contexto, 2003.
- OLIVEIRA-NASCIMENTO, S. S. **A construção multimodal dos referentes em textos verbo-audiovisuais**. Tese (Doutorado em Linguística), 150p. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.
- PIETROFORTE, A. V. **Análise do texto visual**: a construção da imagem. São Paulo: Contexto, 2008.
- SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

